

O PARADOXO CONTEMPORÂNEO EM TORNO DA CRIANÇA: ENTRE O EXCESSO E O VAZIO

Maíra Lopes Almeida¹

Helvia Cristine Castro Silva Perfeito²

RESUMO

Este trabalho propõe problematizar como algumas marcas da pós-modernidade influem nas relações estabelecidas entre pais e crianças. Estas marcas podem ser elencadas como a aceleração, a individualização, a negação da dor e a superficialidade das relações. Diante dessa conjuntura, tem se tornado comum observar cuidadores que desertam de sua posição de autoridade frente aos filhos. Essa configuração promove uma demanda clínica, na qual os profissionais, impulsionados pelo saber científico, têm sido convocados para assumir essa posição. Isto foi constatado por meio de diversos atendimentos clínicos que reúnem o agrupamento familiar no modelo conjunto pais-criança. Neste artigo, discute-se a problemática por meio de discussão teórica e apresentação de um caso clínico. Elucidamos, então, que os elementos pós-modernos incidem sobre as relações pais e filhos e criam um entorno paradoxal em volta da criança de excesso e/ou vazio.

PALAVRAS-CHAVE: infância; Contemporaneidade; Família; Psicanálise.

¹ Psicóloga. Mestre em Psicologia na linha “Psicanálise e Cultura” pela Universidade Federal de Uberlândia. Endereço Profissional: Instituto de Psicologia – Universidade Federal de Uberlândia: Rua Ceará, s/n, Bloco 2C, Campus Umuarama, CEP: 38405-320 – Uberlândia, MG – Brasil. E-mail: maira.psicoufu@gmail.com

² Psicóloga e Psicanalista da Clínica Psicológica da Universidade Federal de Uberlândia, Mestre em Psicologia Aplicada (Núcleo Intersubjetividade) pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: helviacristine@yahoo.com.br

Este artigo propõe, por meio de discussão teórica e da apresentação de um caso clínico, problematizar como as marcas pós-modernas influem nas relações entre pais e filhos. É possível observar, contemporaneamente, que alguns cuidadores desertam de suas posições de autoridade frente às suas crianças, recorrendo aos profissionais para que estes, então, o façam.

Essas reflexões são oriundas do trabalho clínico realizado com famílias, no modelo de atendimento psicanalítico conjunto pais-criança desenvolvido na Clínica-Escola de Psicologia (CLIPS) da Universidade Federal de Uberlândia (CHAVES, 2010; PARAVIDINI & CHAVES, 2012).

Neste modelo, os atendimentos acontecem de forma conjunta, isto é, é composto pelos cuidadores e a criança, além de uma dupla de psicoterapeutas. Os atendimentos são semanais, com duração de 50 a 60 minutos e contam com supervisões de 3 horas e 30 minutos em grupo. A dinâmica dos atendimentos ocorre a partir da dupla: há um psicoterapeuta que é o portador da palavra falada, agente na condução da sessão e um psicoterapeuta observador que é o portador da palavra escrita que se configura como um espaço de continência. Durante as supervisões, esses lugares se invertem, de forma que o psicoterapeuta observador ocupa o lugar daquele que possui a palavra falada, enquanto o psicoterapeuta silencia. (PARAVIDINI, PRÓCHNO, PERFEITO & CHAVES, 2007).

As vivências desta prática que envolve o agrupamento familiar propiciaram a observação de uma constância entre os atendimentos praticados, no que diz respeito a crianças com problemas de comportamento e pais que não se impunham, omitindo-se de ocupar um lugar de autoridade. Questionamo-nos, então, sobre a repetição dessas dificuldades, que embora diferissem e tivessem significações singulares dadas às histórias familiares e as particularidades de cada caso, afunilavam-se a ponto de se tornar, de fato, um pedido último ao profissional, para que este instalasse qualquer ordenação possível em frente ao caos.

Atualmente, de acordo com o que alguns autores têm descrito, vivemos sob o declínio da função paterna e a criança como mestre do gozo. (ROUDINESCO, 2003; BERNARDINO e KUPFER, 2008). A partir disso e de nossas vivências clínicas, formulamos a hipótese de que as mudanças instauradas pela pós-modernidade atingem o grupo familiar e incide sobre os cuidadores, dificultando a transmissão da lei e, conseqüentemente, da falta.

AS MARCAS PÓS-MODERNAS E SUAS INCIDÊNCIAS NAS FUNÇÕES PARENTAIS

Freud (1987/1930), em seu texto sobre o “Mal-estar na civilização”, aponta que na passagem da natureza para a cultura, funda-se um sofrimento decorrente da existência humana no coletivo. Assim, se o sujeito se constitui na relação com os pares, é a isso também que se deve seu mal-estar, intrínseco a vida em civilização.

Na leitura de Bauman (1998), o mal-estar descrito por Freud refere-se ao mal-estar da modernidade, onde um sentimento de segurança era oferecido pela sociedade. Porém, o preço a ser pago pela segurança seria a perda da liberdade individual. Paradoxalmente, na pós-modernidade este mal-estar regula-se pela relação oposta, isto é, a valorização da liberdade individual ao preço da redução do sentimento de segurança. “Os mal-estares pós-modernos nascem da liberdade, em vez da opressão” (BAUMAN, 1998, p. 156).

Assim, a pós-modernidade caracteriza-se pela igualdade e superficialidade das relações. Outros elementos contemporâneos que também podem ser elencados referem-se ao imediatismo e a urgência, de forma que este estado de alerta constante parece produzir um circuito pulsional curto (PARAVIDINI, ROCHA, PERFEITO, CAMPOS & DIAS, 2008)

A crença do indivíduo pós-moderno de que se pode escolher tudo, se ampara em um campo de elisão, afinal em algum momento este campo denunciará sua vulnerabilidade, evidenciado pela angústia do real que se destampona e pode, por exemplo, tomar forma a partir do que o autor denomina como “condições evacuatórias em ato (a pulsão sem mediação)” (PARAVIDINI, 2006, s.p.).

Essa ausência de repressão atira o sujeito em direção ao desamparo, como aponta Menezes (2005). De acordo com a autora, contemporaneamente, o indivíduo está à mercê da solidão e do vazio, ocasionando um desamparo agudo que, em suas irrupções, denunciam que o mal-estar não está erradicado, mas reconfigurado a partir das mudanças nos laços sociais.

Dessa forma, não é possível eliminar completamente o mal-estar, pois ele sempre retorna, tomando formas igualmente aflitivas. De acordo com Fortes (2009), na pós-modernidade, há a vitória do gozo que exacerba o individualismo e enfraquece os vínculos afetivos, de maneira que vivemos em uma era de incertezas que mudou a relação do sujeito com as garantias relacionadas ao seu futuro. Isso conduz à sensação de vazio e de desproteção, bem como à descrença na política, à fragilidade dos laços sociais e ao enfraquecimento da figura da alteridade nas nossas vidas.

De acordo com Bauman (2001), esta individualização constitui-se como uma marca pós-moderna. Nery e Vasconcellos (2014, p.124) argumentam que essa marca “representa o indivíduo que por si mesmo é capaz de construir sua própria trajetória e alcançar seus objetivos”.

Tais esses fenômenos pós-modernos influem também na configuração das famílias. A proposição de Fortes (2009) a respeito do imperativo da felicidade e da negação da dor tem fortes indícios nas experiências clínicas. Cada vez mais, surgem sujeitos menos dispostos a expor seus sofrimentos próprios da condição humana. É comum também observar pais que diante da intensa angústia de seus filhos, negam-se a procurar ajuda profissional ou, quando o fazem, recusam-se a participar dos atendimentos a fim de não ter que falar sobre si e implicar-se nos destinos subjetivos dos filhos.

Contudo, esses elementos levados às últimas consequências nas relações pais-filhos podem ter efeitos desastrosos, como no caso de uma menina de quatro anos, que apresentando nenhuma produção sonora até essa idade, esbarrava na insistência materna em não se comunicar com ela, pois ela “*vai aprender a falar sozinha, quando der o tempo dela*” (sic). Assim, se estabelecemos que para o nascimento psíquico necessita-se de outro humano, de que forma se articulam as famílias em tempos tão solitários, marcados pela individualização, imediatismo e urgência?

O GRUPO FAMILIAR: ENTRE O SABER CIENTÍFICO E O SABER VIVENCIAL

A partir do exercício das funções parentais se inaugurará o processo de subjetivação da criança. Contudo, o contexto sócio-histórico-cultural incide no exercício dessas funções, de forma que a aceleração, como uma marca da lógica contemporânea, produz para a criança um entorno paradoxal de excesso e vazio (PERFEITO, 2007; 2014).

Não obstante, o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) tem se tornado uma epidemia diagnóstica para a infância com um considerável aumento nos dados epidemiológicos (LACET, 2014). Se estamos em estado de urgência, vivendo sob a égide da falta de tempo, isso nos custa à qualidade das relações interpessoais que estabelecemos. Se assistimos um aumento no número de crianças tidas como hiperativas, isto é, antes de tudo, uma denúncia sobre a precariedade do próprio existir dos adultos que as rodeiam.

Ranna (2001, p. 82) afirma que, na atualidade, a infância sofre das expressões psicopatológicas caracterizadas a partir da intensidade, do gozo, da falta de corte e do limite. Segundo ele, “hoje em dia não tem nada que faça o barramento” (p.82). A clínica contemporânea, então, assiste à emergência de patologias que o autor denomina como “patologias da ausência de castração” (p.84).

Essa afirmação está de acordo com o encontrado por Bernardino e Kupfer (2008) durante a Pesquisa sobre os Indicadores Clínicos de Risco do Desenvolvimento Infantil (IRDI) e em seus consultórios. As autoras relatam que têm presenciado o aumento de crianças com problemas de comportamento, em casa ou na escola, e com queixa de hiperatividade. Trabalham, então, com a hipótese de que, contemporaneamente, a criança ocupa o lugar de mestre de gozo nas famílias ocidentais deste início de século, sendo “encarregada de decidir quais objetos aportam o gozo e de que maneira gozar deles” (BERNARDINO e KUPFER, 2008, p.663).

A partir disso, faz-se premente pensar que as marcas pós-modernas têm efeitos importantes nas relações estabelecidas entre pais e filhos. Estas marcas configuram um campo social em que se dificultou a transmissão da falta. Assim, os pais ficam isolados na conservação desta transmissão, sem poder contar com o campo social. Pelo lado da criança, é imputado a ela um lugar que não lhe é, de antemão, destinado a ocupar.

Sobre a transmissão da Lei, Rosa e Lacet (2012) afirmam que há uma desresponsabilização referente a essa que inaugura os lugares paternos. Isso não quer dizer que há uma falta de responsabilidade no que tange aos cuidados da criança, ou mesmo de preocupar-se com ela, “mas o efeito é de abandono de responsabilidade e autoridade” (ROSA E LACET, 2012, p.367).

Neste sentido, Kamers (2013) retoma que historicamente as tentativas de encontrar a gênese da loucura do adulto na criança permitiu a criação de dispositivos higienistas e de controle sobre a família. A autora articula, então, que ocorreu um deslocamento do olhar sobre a criança. Antes, vista pela perspectiva psicológica, educativa e assistencial e, na atualidade, pelo campo médico-psiquiátrico que tem se sobreposto aos outros campos. Isso impôs que cabe, atualmente, à medicina regular sobre o normal e o patológico, ou em outros termos, o que está em causa a respeito da criança.

Isso também foi observado na pesquisa de Telles (2011). Ao se propor a ouvir mães de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), a autora se deparou com o peso que há no discurso científico. Segundo ela, “esse discurso se contrapõe ao do leigo, que nada sabe e só terá possibilidade de saber se aliando ao discurso científico, pois a ele é conferida legitimidade” (p.14). Dessa forma, os profissionais assumem seu lugar de autoridade, daquele que porta o saber, em contraposição, ao saber da família que deslegitimado, perece.

De acordo com Kupfer e Bernardino (2009), há em curso uma substituição que se opera gradativamente do saber inconsciente parental pelo saber técnico e científico. Observa-se que as condições contemporâneas, pós-modernas, incidem nessa substituição, como a aceleração, a urgência, a individualização, a tecnologização, os *workaholics*, são elementos que resultam em pouco tempo dispensado às crianças. Por isso, as autoras constataam que

os pais modernos necessitam de lugares de escuta e de discussão para poder construir sua paternidade e maternidade, bem como resulta daí a necessidade de ações preventivas junto a gestantes, puérperas e pais de crianças pequenas, em maternidade, creches, pré-escolas, comunidades de bairro. Ações para as quais a psicanálise tem os dispositivos e uma teoria de base. (KUPFER e BERNARDINO, 2009, p.55)

Para tanto, no caso que apresentaremos a seguir da família de Mariana encontram-se efeitos que a pós-modernidade impõe sobre os indivíduos e refletem na criação das crianças. Neste caso, acontecem apelos às profissionais para que prescrevam remédios ou lhes contem o que está havendo com as crianças em uma clara menção ao discurso científico que desimplica os sujeitos da família de suas histórias e suas dificuldades relacionais.

A FAMÍLIA DE MARIANA: TEMPO E TRAUMA

A família de Mariana foi atendida em acolhimento institucional. Mariana (30 anos), a mãe, procurou atendimento para seus filhos Leandro, de 8 anos de idade, e Bernardo, de 7. A queixa principal era em relação a Bernardo: agitação e queixas do comportamento na escola. Porém também havia demanda para Leandro, pelo seu silêncio exagerado. Além destes filhos, tinha mais dois meninos, gêmeos (1 ano).

Mariana também apresentava necessidade de acompanhamento, pois diversas vezes manifestava desconforto em “*ser ela mesma*” (*sic*). Ainda jovem, Mariana teve os filhos Leandro e Bernardo de um homem 10 anos mais velho. Seu envolvimento

com ele foi marcado segundo uma lógica competitiva. Ele tinha um relacionamento com uma amiga sua e, sob esta lógica, Mariana resolveu seduzi-lo e conquistá-lo. A relação conjugal durou 10 anos, da qual nasceram dois filhos, Leandro e Bernardo. As duas gravidezes também aconteceram segundo a métrica comparativa de Mariana, pois o pai dos meninos também tinha dois filhos do casamento anterior. Mariana dizia: *“para conseguir competir com os outros dois” (sic)*.

Após a separação deste primeiro companheiro, Mariana tem um envolvimento afetivo com um homem mais jovem que ela, Laerte. Ao contar para ele dos filhos, houve uma drástica transformação no relacionamento, o qual *“se transformou num inferno” (sic)*. Ele a torturava psicologicamente e dizia que deveria *“jogar os filhos no lixo” (sic)*, conforme lembrado por Bernardo na 21ª sessão de atendimento e confirmado por ela.

Neste período, Mariana adquire seu próprio apartamento para morar com os filhos do primeiro relacionamento, mas conforme as pressões sofridas por Laerte, abandona seus filhos sob os cuidados de sua mãe e de uma tia-avó. Este ato de Mariana é realizado sem explicações, sem palavras. A partir de então, Leandro e Bernardo ficam sem a presença materna, a qual raramente os visita.

Na relação com Laerte, engravida de gêmeos. Estabelece com ele uma relação permeada por violência verbal, persecutoriedade intensa e ciúmes patológicos, sendo atormentada incessantemente acerca de seu passado e da existência dos filhos de seu relacionamento anterior. Neste sentido, esta relação não perdura, e após um ano distante de seus filhos mais velhos, Mariana, em mais um ato, os busca na casa de sua mãe, deixando os gêmeos para serem cuidados pela avó materna, numa base de troca.

Esse é o contexto de Mariana e sua família, quando buscam ajuda psicológica. Ela não está mais em nenhum relacionamento amoroso, sua mãe cria os gêmeos e ela mora em um apartamento com Leandro e Bernardo. No entanto, ao contrário do desejo de Laerte, não há como apagar ou jogar no lixo o que se passou. Na primeira sessão, ela conta que *“procurou ajuda, pois os meninos estão revoltados” (sic)*.

O que se passa, então, no atendimento conjunto psicanalítico pais-criança, são sessões volumosas, densas e aceleradas. Por um lado, Bernardo com sua agitação e gritaria, comportamentos e falas em alta velocidade. Por outro, Leandro, respondendo à velocidade de Bernardo, na forma de um fechamento e silêncio constantes. E, Mariana, afastada de todos, em posição infantilizada e indiferente

quanto ao sentido das brincadeiras e contrastes gritantes entre seus filhos. Em contrapartida, seus pedidos eram direcionados para soluções generalizadas de “*como fazer*” e por encaminhamentos psiquiátricos, a fim de obter uma cura medicamentosa mais rápida.

No decorrer das sessões e, conforme a diminuição das demandas de Leandro e Bernardo abriu-se espaço na 12ª sessão para participação dos gêmeos (com sintomas de terror noturno e manias).

A partir do intenso trabalho com esse grupo familiar, com oito meses de duração, num total de 50 sessões, começamos a problematizar as mudanças que o estilo de vida pós-moderno acarretou também às famílias. A aceleração do tempo e o enquadre no presente pretende riscar os vestígios do passado. Entretanto, a grande descoberta freudiana com as históricas sustenta que as reminiscências do passado se fazem presente e produzem um sentido oculto na sintomatologia e no sofrimento psíquico (Freud, 1980/1893). No caso de Leandro e Bernardo, isto se expressa na forma da agitação e do isolamento/fechamento.

Esta família apresentava um modo particular de lidar com o tempo. Foram oito meses de trabalho, mas que aparentavam três anos. Logo na primeira sessão, após o atendimento, “*Mariana questiona a psicoterapeuta: ‘eu vou ficar vindo aqui para sempre?’ fazendo um gesto com a mão que conotava a ausência de pausas e de qualquer vislumbre possível de um futuro.*” (Cena do 1º Atendimento)

Birman (2012), ao abordar a questão do narcisismo na atualidade, defende que há em curso uma mudança crucial nas relações dos sujeitos com o tempo e o espaço, de forma que o segundo engloba o primeiro. De fato, com a hegemonia do narcisismo, isso nos “destina às miragens do eterno presente, na sua repetição do mesmo, no aqui e agora” (BIRMAN, 2012, p.54).

Ao descrever as características do sistema inconsciente, Freud (1915) afirma que “os processos nesse sistema são atemporais, eles não são cronologicamente organizados, não são afetados pelo tempo decorrido e não tem nenhuma relação com o tempo” (FREUD, 1915 [1987], p.37-38).

A leitura de Azevedo (2011) sobre a atemporalidade do inconsciente indica por Freud é interessante, na medida em que a autora compreende que a atemporalidade pode ser o tempo do sempre, sem um antes ou depois, como nos denota a fala de Mariana, que está exilada da condição descontínua do tempo.

A mãe de Mariana afirma que Laerte foi o problema de sua filha, pois ele queria zerar o passado dela. A psicoterapeuta aponta que era o que ela também queria, ao propor que os meninos tomassem remédio, sem sequer pensar no que aconteceu nos últimos sete anos (Cena do 2º atendimento).

As crianças implicadas nas relações parentais também respondem a esse tempo do sempre e da pressa. Em jogos extremamente agitados e com brincadeiras volumosas, não havia palavra possível para mediação, ficávamos entre o silêncio de Leandro ou o grito de Bernardo. No vazio das palavras, as crianças colocavam em ato suas histórias.

Mariana conta sobre como esqueceu o pai dos meninos, fazendo um concurso. Bernardo começa a acelerar novamente, Leandro diz '*calma, eu sou só um*', mas Bernardo não escuta e continua, num ritmo frenético, "*a fogueira, fogueira, fogueira... a bola, a bola, a bola... o sapato, o sapato, o sapato...*". Começam a jogar e os meninos, novamente, fazem um jogo muito acelerado. Na mesa de criança, a mãe parece esgotada, ela tenta entender o jogo, mas logo desiste e fixa o olhar no relógio. (Cena do 1º atendimento).

A agitação das crianças dava conta de suas histórias de vida e de como tudo vivido rapidamente para eles, sem uma digestão de presenças e ausências ou um ritmo que fizesse marcações no tempo. A rapidez sem palavras, esse assujeitamento frente aos adultos, deixavam essas crianças em situação de abandono, e mesmo agora vivendo juntos com a mãe e está frequentando as sessões, nestas ficava paralisada, "*com a cabeça cheia*" (*sic*). Os meninos a chamavam para jogar com eles e ela não se movia.

Bernardo diz: '*a mamãe vai jogar*', porém ela não se move. A mãe diz que sempre foi presente e esteve perto dos filhos, a psicoterapeuta responde '*perto, mas não vem brincar nem com eles chamando*' [...] (Cena do 1º atendimento).

Em outra cena, Bernardo evidencia a posição das crianças desta família em relação aos adultos. O garoto desenha durante a maior parte da sessão e ao mostrar para a avó, segundo relato da psicoterapeuta observadora, recebe desdém em seu olhar e palavras.

Bernardo não vai embora enquanto não termina seu desenho, a avó manda que ele termine logo. Ele diz que "*semana que vem desenho mais*". Os meninos estão juntos, no mesmo desenho, ainda não sei o que estão desenhando, mas ouço a psicoterapeuta dizer "*calma, eles estão completando um a cerca do outro*", Bernardo

responde “*não, a cerca é minha, o Leandro só está me ajudando*”. O menino, então, diz que vai deixar seu desenho, mas não é para rasgar. A psicoterapeuta guarda o desenho na gaveta. Bernardo se aproxima de mim (psicoterapeuta observadora) e diz “*nossa, olha o tanto que ela escreve*”, a avó o puxa e diz “*é, ela está escrevendo a história de vocês*”. A sessão termina. (Cena do 2º atendimento).

A escassez de palavras acaba se tornando um reflexo do contexto sócio-cultural que induz a aceleração do tempo e são com essas famílias, submetidas a esse frenesi do tempo, que teremos que manejar. Os pacientes atuais são esses, para os quais o conceito da permanência está substituído pelo da velocidade temporal (GIOVANETTI, 2006).

Perfeito (2014) aponta que há uma lógica vigente sobre o eterno presentificar-se que induz uma aceleração sem mediação. Assim, sem palavras, não há evocação memorativa sobre o que passou e a esperança sobre o que virá. Este insuportável manifesta-se em forma de estagnação, uma paralisia que impede os movimentos do grupo familiar.

No decurso das sessões, apreendemos que esta paralisia era traduzida em sessões aceleradas e, ao mesmo tempo, esvaziadas que se relacionavam a situação traumática de abandono de Leandro e Bernardo, vivido em ato sem mediação.

Sobre essa paralisia que remete ao evento traumático, Besset et al (2006) recuperam que a palavra trauma tem uma origem grega e se remete a palavra ferida. É interessante que essa concepção etimológica da palavra nos distancia do que tem sido estabelecido pelos manuais de diagnósticos contemporâneos, que por um viés biologicista, repugna a dimensão psíquica. Assim, “deixam de lado o sujeito que possui a *ferida* aberta com ele” (BESSET et al, 2006, p. 317).

Com a entrada dos irmãos menores no atendimento, Leandro e Bernardo revivem a rivalidade e a violência do abandono que sofreram ao ir morar com a tia-avó, sem quaisquer notícias da mãe, como nos contam nesta sessão: os irmãos menores brincam tranquilos sentados no colchão. Os maiores invadem o colchão em que os menores estão brincando quietinhos. Os gêmeos gritam e sofrem muito. A psicoterapeuta intervém, e os maiores insistem em querer levar o colchão e a analista é firme dizendo para Bernardo que se ele levar, a sessão terminará. No entanto, o menino insiste, fala que vai tirar, a psicoterapeuta diz que acabou e vai para abrir a porta, ele insiste, mas diante do silêncio, desiste. Leandro, inclusive, já arrastava os pequenos. Ele tenta tirar o colchão laranja de novo, mas de novo a psicoterapeuta

também é firme e não deixa. A psicoterapeuta se senta sobre o colchão laranja e Leandro joga almofadas nos irmãos menores com raiva e força. Bernardo também joga almofadas com força. A psicoterapeuta pontua que foi ela quem não deixou tirar o colchão e não os irmãos menores. [...] A psicoterapeuta sai do colchão laranja, Bernardo corre, olha para ela, a desafiando e pega para levar junto ao colchão verde. A analista fala “*Bernardo, eu disse que se você pegasse, a sessão ia terminar, então acabou. Vamos embora*”. Eles demoram um pouco a entender, mas começam a calçar os chinelos para sair da sala. Leandro diz a Bernardo “*Não importa, teve 40 minutos também*”. A psicoterapeuta afirma que na sessão que vem é para Mariana não trazer Leandro e Bernardo, é para vir só ela e os gêmeos. Bernardo sai dizendo que nunca mais voltará lá. (Cena do 20º atendimento).

Esse ato da psicoterapeuta, de encerrar a sessão antes do tempo estipulado³, tem fortes reverberações em todos, de forma que apenas após dois meses a família volta ao atendimento. Ainda assim, Leandro não sai do carro, voltam apenas Mariana e Bernardo. A cena traumática ficou ali exposta diante de todos, a violência vivida na separação, sem palavras e os irmãos maiores novamente postos pra fora. Diante disso, Mariana não vem e, dois meses depois, volta, só com os mais velhos.

Observamos que nesta cena, a psicoterapeuta fez um ato, protagonizou a cena da separação, incitou o ódio e ressentimento, reavivou emoções guardadas, ocupando o lugar de Mariana, de quem excluiu Leandro e Bernardo e preferiu os gêmeos.

Segundo Maldonado e Cardoso (2009), há um imemorável do trauma que é regido pela compulsão à repetição e no lugar da representação, traz o ato, a ação e no lugar da lembrança, tem a repetição do mesmo. Nesse sentido, vivemos esse ato sem representação, mas que foi fundamental para que dois meses depois pudéssemos colocar em palavras essa vivência traumática em forma de cena.

Dois meses depois, voltam Mariana e os mais velhos. A psicoterapeuta retoma a cena do colchão e associa com ela e Bernardo a decepção do menino e a raiva de Leandro com a vivência de rejeição em relação à mãe e os bebês. Mariana traz a memória todos os momentos da separação, inclusive, contando nos dedos os meses

³É importante ressaltar que os atendimentos foram realizados em uma Clínica-Escola, sendo assim, por questões institucionais é acordado inicialmente com os pacientes que as sessões terão a duração aproximada de 50 minutos.

de separação e como viveu isso. Lembra que Laerte dizia que era melhor que ela tivesse câncer ou AIDS do que Leandro e Bernardo.

Na última sessão, Mariana comparece com os quatro filhos. Este último, em sua brincadeira, *“constrói uma casa com colchão e almofadas bem protegida e chama todos para morar com eles. Todos entram” (cena do 48º atendimento)*. A vivência da separação, colocada em palavras meses depois, permite que se inaugure uma mediação possível. Eles puderam ter a experiência de relatar essa situação traumática ao outro, “endereçar um testemunho à escuta de alguém que possa, com essa atitude, vir a promover a abertura de uma possibilidade de representação do ‘inominável’” (Maldonado e Cardoso, 2009, p.55).

Segundo Perfeito (2007), as marcas pós-modernas demonstram pais presentes no nível das necessidades físicas e econômicas. No entanto, crianças demandam mais que apenas estes recursos. Assim, produzem-se falhas ao nível simbólico das relações, que provocam que se recaia um peso sobre as crianças “em relação às exigências que tem sido feitas a elas para que sejam cada vez mais competentes e autônomas, como se prescindissem de seus pais, o que não é verdade” (p.210).

Em face às diversas mudanças históricas, socioculturais e econômicas, Zanetti e Gomes (2011) apontam que a fragilidade das funções parentais, na atualidade, indica que alguns pais não conseguiram se apropriar dessas mudanças de maneira equilibrada, ou seja, proporcionando maior espaço para a criança na família e, ao mesmo tempo, reconhecendo a importância norteadora de um adulto que estabeleça limites e orientações. Isso novamente sublinha o paradoxo contemporâneo em torno da criação das crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho com famílias nos provocou a questão de como a pós-modernidade incide sobre estes núcleos. Destacam-se como importantes elementos: a individualização, a aceleração, a negação da dor e a superficialidade das relações. Isso afeta, sobretudo, as crianças que vivem sob a égide do discurso científico de autoridade baseado em uma lógica biologicista. Esta lógica nos remete a um grande perigo no que concerne à compreensão orgânica do sintoma que demanda respostas orgânicas.

No começo dos atendimentos, Mariana sempre pedia que encaminhássemos seus filhos ao psiquiatra para que eles os medicassem. Ela queria remédios que

acalmassem a agitação de Bernardo e dessem um jeito no silêncio de Leandro. Diante da nossa recusa em atender a seu pedido, dirigiu a nós suas demandas de “o que acontece com o meu filho?”, uma solicitação que legitimava o discurso profissional, o portador do saber. É a isto que se deve estar atento, ao perigo de assumir a posição tentadora daquele que sabe perante uma família que faz uma invocação em torno de um sintoma.

O atendimento a esta família proporcionou que se inaugurasse um tempo e espaço de investimento para essas crianças. Assim, eles puderam distanciar-se da situação de desamparo a que estavam expostos para fazer demandas à mãe, inclusive, revivendo a cena traumática.

Com a família de Mariana, o trabalho possibilitou reviver uma situação traumática e colocá-la em palavras, o que permite que todos possam caber em uma casa. Eram, agora, uma família, com tropeços e desarranjos, mas em uma casa protegida. Se tivéssemos cedido às demandas da mãe, ou teríamos encerrado a possibilidade de apelo que se configura o sintoma, ou teríamos nos rendido às camisas-de-força neuroquímicas.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, A.M.A. de. *Algumas considerações sobre o tempo*. *Jornal de psicanálise*. São Paulo, v. 44, n. 81, 2011, p. 67-84.
- BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BERNARDINO, L.M.F & KUPFER, M.C.M. *A criança como mestre do gozo da família atual: desdobramentos da “pesquisa de indicadores clínicos de risco para o desenvolvimento infantil”*. *Mal-estar e subjetividade*, v.8, n.3, 2008, p. 661-680.
- BESSET, V.L. et al. *Trauma e sintoma: da generalização à singularidade*. *Rev. Mal-Estar e Subjetividade*, Fortaleza, v. 6, n. 2, 2006, p. 311-331.
- BIRMAN, J. *O sujeito na contemporaneidade*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- CHAVES, L.S. *Atendimento psicanalítico conjunto pais-crianças: uma proposta de intervenção na primeira infância*. 2010. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, 2010.
- FORTES, I. *A psicanálise face ao hedonismo contemporâneo*. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, v.9, n.4, 2009, p. 1123-1144.
- FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- _____. (1893). *Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar*. Vol. II.
- _____. (1915). *O Inconsciente*. Vol. XIV.
- _____. (1930). *O mal-estar na civilização*. Vol. XXI.
- GIOVANETTI, M.F. *Hospitalidade na clínica psicanalítica hoje*. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v.39, n. 4, 2006, p. 25-32.
- KAMERS, M. *A fabricação da loucura na infância: psiquiatrização do discurso e medicalização da criança*. *Estilos da Clínica*, v.18, n.1, 2013, p.153-165.
- KUPFER, M.C.M & BERNARDINO, L.M.F *As relações entre construção da imagem corporal, função paterna e hiperatividade: reflexões a partir da pesquisa IRDI*. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v.12, n.1, 2009, p.45-58.
- LACET, C. *A escuta psicanalítica da criança e seu corpo frente ao diagnóstico de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH)*. 2011. Tese (Doutorado em Psicologia), Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2011.
- MALDONADO, G. & CARDOSO, M.R. (2009). *O trauma psíquico e o paradoxo das narrativas impossíveis, mas necessárias*. *Psicologia clínica*, v.21, n.1, 2009, p. 45-57.
- MENEZES, L.S. de (2005). *Pânico e desamparo na atualidade*. *Ágora*, v.8, n.2, 2005, p. 193-206.
- NERY, A.D & VASCONCELLOS, E.G. *Individualização e Fragmentação: efeitos da pós-modernidade no cristianismo contemporâneo*. *Ciências da religião: história e sociedade*, v.12, n.2, 2014, p. 118-132.

PARAVIDINI, J.L. (2006). *O Estatuto de felicidade e de fracasso na constituição da relação de filiação do sujeito na contemporaneidade*. Anais do 6º Colóquio do LEPSI, São Paulo, SP, Brasil.

PARAVIDINI, J.L.; ROCHA, T.H.R.; PERFEITO, H.C.C.S; CAMPOS, A.F & DIAS, A.G *Nascimento psíquico e contemporaneidade: implicações metapsicológicas nos modos de estruturação subjetiva*. Subjetividades, v.8, n.1, 2008, p.195-224.

PARAVIDINI, J.L.; PROCHNO, C.C.S.C.; PERFEITO, H.C.C.S & CHAVES, L.S *Atendimento psicoterapêutico conjunto pais-crianças: espaço de circulação de sentidos*. Estilos da Clínica, v.14, n.26, 2009, p. 90-105.

PARAVIDINI, J.L. & CHAVES, L.S. *Atendimento psicanalítico conjunto pais-crianças: uma investigação teórica, técnica e metodológica*. Revista da SPAGESP, v.13, n.2, 2010, p. 4-11.

PERFEITO, H.C.C.S. *Os impasses nas funções parentais: da clínica psicanalítica do precoce às transformações sócio-histórico-culturais*. 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, 2007.

PERFEITO, H.C.C.S. *A criança e seu entorno: o excesso e o vazio*. In Anais do VI Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e XXI Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental, Belo Horizonte, MG, Brasil, 2014.

RANNA, W. *A doença no corpo: efeitos do contemporâneo ou resultado de uma nova leitura*. In M.C.M. Comparato & D.S.F. Monteiro (Orgs.), *A criança na contemporaneidade e a psicanálise – Família e Sociedade: Diálogos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

ROSA, M.D & LACET, C. (2012). *A criança na contemporaneidade: entre saber e gozo*. Estilos da Clínica, v.17, n.2, 2012, p. 359-372.

ROUDINESCO, E. *A família em desordem*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2013.

TELLES, C.M.A O(s) *Obscuro(s) dizer(es) de mães sobre o autismo de seus filhos*. 2011. Dissertação (Mestrando em Linguística), Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2011.

ZANETTI, S.A.S & GOMES, I.C. *A 'fragilização das funções parentais' na família contemporânea: determinantes e consequências*. Temas em Psicologia, v.19, n.2, 2011, p.491-502.

THE CONTEMPORARY PARADOX AROUND THE CHILD: BETWEEN EXCESS AND EMPTINESS

ABSTRACT

This paper proposes to problematize how some elements of postmodernity influence the relations established between parents and children. These marks can be listed as acceleration, individualization, negation of pain and the superficiality of relationships. Given this situation, it has become common to see caregivers who desert their position of authority in front of their children. This configuration promotes a clinical demand, in which the professionals, driven by scientific knowledge, have been called to assume this position. This was evidenced through several clinical consultations that bring together the family group in the parent-child set. In this article, the problem is discussed through theoretical discussion and presentation of a clinical case. We then elucidate that the postmodern elements focus on parent-child relationships and create a paradoxical environment around the child of excess and / or emptiness.

KEYWORDS: Childhood; Contemporary; Family; Psychoanalysis.

PARADOX CONTEMPOREINE AUTOUR DE L'ENFANT: ENTRE L'EXCÈS ET LE MANQUE

RESUME

Cet article propose de problématiser comment certaines marques de postmodernité influencent les relations établies entre parents et enfants. Ces marques peuvent être énumérées comme l'accélération, l'individualisation, le déni de la douleur et la superficialité des relations. Face à cette situation, il est devenu courant de voir des soignants abandonner leur position d'autorité face à leurs enfants. Cette configuration favorise une demande clinique, dans laquelle les professionnels, poussés par les connaissances scientifiques, ont été appelés à assumer cette fonction. Cela a été démontré par plusieurs consultations cliniques qui réunissent le groupe familial dans l'ensemble parent-enfant. Dans cet article, le problème est discuté à travers la discussion théorique et la présentation d'un cas clinique. Nous expliquons ensuite que les éléments postmodernes se concentrent sur les relations parent-enfant et créent l'environnement paradoxal autour de l'excès et / ou du vide de l'enfant.

MOTS-CLÉS: Enfance; Contemporain; Famille; Psychanalyse.

Recebido em: 09-04-2019

Aprovado em: 13-06-2019

© 2019 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>
[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](http://psicanaliseebarroco.pro.br)

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

<http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php>